

## DEBATE

POR UMA SOCIOLINGÜÍSTICA APLICADA<sup>1</sup>

Maria Cecília MOLLICA (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

**ABSTRACT:** *Pode-se afirmar que, no Brasil, a Sociolingüística está consolidada como área de pesquisa. Há pelo menos vinte anos vêm-se acumulando um enorme volume de estudos descritivos do português (sobretudo falado) sob a perspectiva sociolingüística e conseqüente experiência sólida com relação aos diferentes instrumentos teórico - metodológicos (cf. Naro, 1986; Tarallo, 1989; Mollica, 1992). Este texto objetiva a constituição de argumentação em favor de estimulação de projetos aplicados na área da sociolingüística. Sem negar a importância fundamental no prosseguimento de estudos que reflitam as questões teóricas cruciais, advoga-se a pertinência e contribuição de trabalhos que se coloquem nas interfaces da Lingüística e que tenham função social clara, tendo em vista dois aspectos: (a) a interdisciplinariedade crescente e necessária em pesquisa lingüística; (b) a premência de soluções uma vez consideradas as carências da realidade socio-cultural brasileira.*

## 1. Ampliando o alcance da pesquisa

O conhecimento humano evolui em movimentos concêntricos, que ocorrem ciclicamente. Ao longo da história de diferentes áreas do saber, observam-se estados de profunda

concentração na reflexão sobre a delimitação do objeto analisado, alternando-se com estados em que se ampliam as demarcações e os interesses da área, quando então se extrapolam os limites inicialmente traçados.

Assim tem sido na Lingüística. Mencionando apenas os últimos cem anos, a Ciência da Linguagem precisou de um momento histórico, do início até a metade deste século, especialmente com Saussure e Chomsky, durante o qual as atenções permaneceram voltadas para a definição de objetos a partir da segunda metade do século, surgem os frutos palpáveis dessa imersão em modelos teóricos: o surgimento de metodologias de ensino de línguas, especialmente de línguas estrangeiras, configurou o bum da Lingüística Aplicada à pedagogia lingüística. Métodos estruturais tornaram-se eficientes estratégias de estimulação e fixação de estruturas gramaticais. Priorizaram-se as análises sintagmáticas de sentenças em detrimento de abordagens sintáticas atomísticas.

Alguns desses enfoques lograram êxitos; outros, a história se encarregou ou se encarregará de eliminar. Mas a ciência lingüística, num processo de metalinguagem, naturalmente se viu avançando para outros rumos: a socio-lingüística abriu definitivamente os caminhos da Lingüística com o real, relevando o objeto de estudo enquanto atos concretos de fala no momento mesmo de sua enunciação.

A partir desse estágio, em que se viabilizou cientificamente falando a descrição do dinamismo das línguas, do seu caráter heterogêneo, ampliou-se não somente o universo de análise lingüística mas o seu alcance explanatório e aplicado.

O entendimento de que a variação é sistemática tornou possível a análise da complexidade lingüística no nível da Ciência Pura e promoveu a abertura de novos horizontes no nível da Ciência Aplicada.

Contudo, o diálogo entre os dois níveis de atuação científica não se deu paralelo nem simultaneamente. Foi preciso um longo

percurso para que a sociolinguística se firmasse como sub-área da Linguística, com condições reais de atingir o nível pragmático que aqui se deseja ver enfatizado.

Desde a Dialetoologia Clássica até a proposição de escopos teóricos mais consistentes, como a proposição da Difusão Lexical (cf.Wang,1969) da Teoria da Variação (cf.Labov,1972) e de modelos de análise qualitativa (cf.Hymes,1962 e Gumperz,1982) a sociolinguística alçou-se um status científico equiparável a outros modelos teóricos. No nível da Ciência Pura, ela vem contribuindo de forma conseqüente, especialmente quanto às questões de mudança dos sistemas linguísticos naturais.

Esses desenvolvimentos têm-se dado dialeticamente com os estudos descritivos numa perspectiva sociolinguística de diferentes línguas. No nosso país, o volume de pesquisas sobre o português brasileiro é considerável e já dispõe de uma tradição de pesquisa. Pode-se dizer que contamos com uma geração de pesquisadores, com know-how e autonomia necessários ao desenvolvimento contínuo e renovador nas diferentes linhas (cf.Votre, 1989; Bisol,1991). A pesquisa de ponta, que abre novos caminhos da mesma forma que acompanha o avanço no âmbito internacional, vem-se aliando a tendência de proposição de projetos com nova configuração.

## 2.A sociolinguística aplicada: os caminhos de uma geração

Creemos que já dispomos de uma massa pensante suficiente em quantidade e qualidade que sirva como carro-chefe atuando na área no que diz respeito a inovações teórico-metodológicas.

Acreditamos ter chegado o momento no qual, diante da emergência de uma nova geração de sociolinguístas, devemos pensar em traçar uma política de planejamento de

pesquisa na área, de modo que iniciantes, pesquisadores avançados e pesquisadores autônomos se agreguem na direção de complementação.

A condição de terceiro mundo nos impõe, a nosso ver, a responsabilidade de planejar ordenadamente um grande programa de pesquisa e de inibir a proposição de projetos isolados, de alcance nem sempre garantido. A sociolinguística constitui área privilegiada, particularmente para a implementação de programa integrado, pois suas interfaces com outras áreas do conhecimento saltam aos olhos e possuem caráter eminentemente social.

Urge portanto a estimulação maciça de desenvolvimento de projetos nas suas diversas interfaces. Já não falemos na óbvia contribuição no campo pedagógico de línguas em geral (cf.Couto, 1981; França, 1992; Lourenço,1992) e de proposições de filosofias educacionais, (cf.FORUM INTER-GTS), especialmente o bilingüismo, para grupos lingüístico-culturais minoritários: os índios, os surdos. Mas devemos pensar em áreas como a tradução (cf.Neiva, no prelo), a terapia da fala (cf.Gonçalves, no prelo), a aquisição de linguagem (cf.Mattos, no prelo) e outras em que o sociolinguísta certamente tem a contribuir, consideradas as especificidades de cada uma delas.

Como entender os estudos de tradução sem se levarem em conta as variedades lingüísticas, a possível influência lingüística do tradutor sobre a obra? Admitida sempre como uma interpretação, o processo de tradução pode eventualmente ser vítima de interferências do tradutor, por falta do conhecimento sociolinguístico do texto: dos estilos, das falas dos personagens, do perfil dos autores etc.

Quantos erros já foram cometidos na prática terapêutica por falta de formação adequada dos profissionais habilitados? Não é difícil ocorrer, em função de despreparo, equívocos na interpretação de casos (cf.Quental, 1987), na constituição de diagnóstico (cf.Ribeiro,1988). E por que deixar de lado as diversas leituras

equivocadas de processos psicológicos e psicanalíticos e de aquisição da linguagem, quando os recursos sociolinguísticos teriam atuado na direção de apontar agentes de diferentes níveis bloqueando ou favorecendo comportamentos psico-sociais?

Advogamos uma sociolinguística aplicada, agregada solidariamente à teoria e à lingüística descritiva, que apenas aparentemente se alienam dos problemas presentes e concretos da realidade. Este programa de pesquisa constitui política urgente a se adotar, quer por razões epistemológicas, quer por motivos políticos. O sociolinguísta deveria poder participar mais da realidade terceiro-mundista, repleta de problemas, carente de soluções.

São numerosos os grupos ético-sócio-culturais que se acham marginalizados e/ou em extinção. Há meninos de rua em estado de isolamento sociolinguístico (cf. Carvalho, 1990) e, como eles, outros setores convivem com problemas sérios.

Acreditamos, sem demagogia, na criatividade da nova geração de sociolinguístas que, formada de modo mais completo, tem demonstrado condições ideais de participar desse grande mutirão voltado sobretudo para objetivos de aplicação social clara. Estamos certos de que é desse modo que surgirão as respostas importantes para os pontos teóricos ainda em discussão. Quem sabe até, por que não, é dele que se originarão as novas perguntas teóricas a serem investigadas.

## NOTA

1. Este texto constitui versão revista de comunicação apresentada no I Seminário de Lingüística da UERJ, em maio de 1992.

(Recebido em 16/06/1992)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, Leda (org).(1991). "A variação no português do Brasil". Organon, Revista do Instituto de Letras, UFRJ, volume 5,n- 18.
- CARVALHO, Maria Avelina de. (1990) A Linguagem dos Meninos de Rua. Universidade Federal de Goiás.Goiás.
- COUTO,Hildo Honório de (ed). (1981). Ensaio de Linguística Aplicada ao Português. Brasília, Thesaurus.
- FORUM INTER-GTS.(1992) "Bilingüismo: ensino/aprendizagem de 1a. e 2a. línguas" IN: Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL, a sair.
- FRANÇA,M.B. (1992) "Influência de Graus de Letramento na Produção Escrita de Alunos de 5a. a 7a. série". Comunicação apresentada no I Seminário de Linguística da UERJ, mimeo.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre.(1992). Nova visão para um problema de fala. Comunicação apresentada no Io. Seminário de Linguística da UERJ, mimeo.
- GUMPERZ, John (ed) (1982). Language and Forial Identify. Cambridge University Press.
- HYMES, Dell. (1962). "The ethnography of speaking".IN: Readings in the Sociology of Language. The Hague: Mouton,pp. 99-138.
- LABOV, William. (1972). Sociolinguistic Patterns. Philadelphia University of Pennsylvania Press.
- LOURENÇO, Jaqueline.(1992). "Fatores que controlam a aquisição do português padrão". IN: Relatório Final CEPG/UFRJ, bolsa IC,mimeo.
- MATTOS, Paula. (em prep.) Aquisição do Subjuntivo para Falantes do Português como 2a. Língua. Dissertação de mestrado, UFRJ.
- MOLLICA, Maria Cecília (org).(1992). Introdução à Sociolinguística Variacionista. Cadernos Didáticos, UFRJ.
- NARO, Anthony & PEUL. (1986). Subsídios Sociolingüísticos

- à Educação, Relatório final UFRJ/FINEP, mimeo.
- NEIVA, Aurora.(em prep) Variação Dialetal e Tradução. Tese de doutorado, UFRJ.
- QUENTAL, Lúcia.(1987). Clinical Interpretation and the Reframing of Experience: evidence from therapeutic discourse. Tese de doutorado, Georgetown University, mimeo.
- RIBEIRO, Branca M.Telles.(1988). Coherence in Psychotic Discourse: frame and topic. Tese de doutorado. Georgetown University, Washington D.C.,mimeo.
- TARALLO, Fernando (org.).(1989). Fotografias Sociolingüísticas. Campinas: Pontes.
- VOTRE, Sebastião & PEUL. (1989). Programa de Estudos sobre o uso da língua. Relatório final UFRJ/FINEP, mimeo.
- WANG, William S-Y.(1969). "Competing changes as a cause of residue".LANGUAGE, 45.(1): pp 9-25.